

Brasil pode acertar sua dívida em três anos. Basta olhar para o México e Chile.

O Brasil pode resolver em dois a três anos o problema da dívida externa se adotar os modelos chileno ou mexicano, afirma Igor Cornelsen, representante do banco anglo-alemão Chartered West L.B. e especialista em dívida latino-americana. O resultado é que a dívida diminuirá e voltarão a entrar capitais em volume suficiente para retomar o pagamento dos juros, ele diz nesta entrevista a **Fábio Pahim Jr., do JT.**

Jornal da Tarde — *Qual é o espaço para o novo ministro da Economia renegociar a dívida?*

Igor Cornelsen — Como não há preconceito quanto às idéias de Marcílio Marques Moreira, ele vai negociar como qualquer cliente normal diante de qualquer banco normal. A negociação deve ser suficiente para não quebrar o cliente nem causar prejuízo ao credor — os dois devem ter vantagens e proveitos. Os bancos gostam de crescer junto com seus clientes.

Qual seria o formato de uma negociação, hoje?

Há dois modelos que deram certo: o chileno e o mexicano. No modelo chileno, anualmente falta dinheiro para pagar os juros aos bancos e renegocia-se

um empréstimo para pagá-los. O Chile usou a conversão de dívidas para privatizar e entraram novos investimentos. O estoque da dívida com os bancos particulares foi reduzido de US\$ 14 bilhões para US\$ 5 bilhões em seis anos, até março/91. A dívida do Chile, por habitante, era três vezes superior à brasileira. Mas a dívida com os Eximbanks (os bancos de importação e exportação dos países ricos) aumentou, passando de US\$ 5,5 bilhões a US\$ 12 bilhões — os juros são subsidiados e ela financia o desenvolvimento.

E o modelo mexicano?

É o estilo Brady (do secretário do Tesouro norte-americano Nicholas Brady). O país comprou títulos do Tesouro norte-americano, rendendo juro zero, para garantir o principal da dívida renegociada. Comprou outros títulos para garantir os juros por um ano e meio e conseguiu abatimento no principal ou nos juros, conforme a preferência dos bancos. Os bancos que não quiseram uma coisa nem outra precisaram entrar com dinheiro novo para financiar a compra dos *bonds*, e vão receber o principal e juros mas sem garantia. A modalidade mexicana

foi adotada por Costa Rica, Uruguai e Venezuela. Em nenhum caso houve confronto. O confronto só ocorreu no Peru, Argentina e Brasil, gerando hiperinflação, fuga de capitais, desinvestimento e desesperança.

Que modelo o sr. prefere?

O do Chile. Não acho interessante comprar títulos do Tesouro americano de 30 anos rendendo 8,2% de juros ao ano. A economia brasileira é viável demais para não poder reduzir sua dívida. Ela é da ordem de US\$ 41 bilhões com os bancos privados, pois US\$ 20 bilhões já foram recomprados por particulares e pelo Banco Central. A dívida é muito menor do que se fala, e pode ser reduzida rapidamente com privatizações e conversões de dívida voltadas para financiar o desenvolvimento.

Em quanto México e Chile reduziram suas dívidas?

O México ganhou cerca de 30% de redução no estoque da dívida. Mas o principal foi a confiança gerada com a renegociação, que atraiu em 12 meses US\$ 9 bilhões sob a forma de investimentos, retorno de capital e aquisições de títulos da dívida por mexicanos. O mesmo está acontecendo com a Venezuela e

o Chile. O Chile não quis reduzir o principal da dívida para não causar prejuízo aos bancos e voltar mais depressa ao mercado voluntário de créditos. Em 90, o Chile fez uma emissão de US\$ 300 milhões e colocou-a voluntariamente no mercado. Seus papéis valem 90% do valor de face no mercado secundário, mas os bancos não querem vender. Os papéis brasileiros valem 28,5%. Hoje, se uma empresa chilena precisar de US\$ 10 milhões ela obtém no mercado voluntário internacional, e a dívida externa do país deixou de representar problema. Os governos dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha tratam o Chile como país do Primeiro Mundo. Em 82/83 a Coreia fez semelhante, mas sem converter dívida em capital, e hoje é credora.

Qual seria o impacto desses modelos para o Brasil?

Se o Brasil não tiver sua taxa de câmbio atrasada, não terá problemas. A dívida brasileira é tão pequena diante do tamanho da economia que ela só é discutida porque foi usada politicamente. Com Pastore, em 84, o problema tinha acabado. A insolvência externa do Brasil em 87 foi política, não técnica.